

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 2, Dez. 2012

ESTUDO DE CASO DE UM SUJEITO COM AFASIA MOTORA EFERENTE NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA



CASE STUDY OF A SUBJECT WITH EFFERENT MOTOR APHASIA FROM A BAKHTINIAN PERSPECTIVE

Tainara Lemes Conde Nandin
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Rosana do Carmo Novaes-Pinto
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)
RECEBIDO EM 10/11/2012 • APROVADO EM 20/01/2012

Resumo

Este artigo visa apresentar um estudo de caso e tem como referencial teórico a Neurolinguística Discursiva (ND), na qual a linguagem é considerada uma atividade de natureza sócio-histórica-cultural. Nas afasias, em que há alterações no funcionamento da linguagem em decorrência de lesão cerebral, a ND parte dos pressupostos de que os sujeitos, por sua experiência de falantes, não perderam completamente sua competência linguística e de que reorganizam seus enunciados verbais e não-verbais com os recursos que ainda lhes restam. O presente estudo analisa a produção de um sujeito com afasia motora eferente, de grau severo, e i) descreve as características dos seus enunciados, que na literatura tradicional são concebidos como “estereotípias”; ii) interpreta suas riquíssimas expressões não-verbais; iii)

demonstra como o estudo de caso pode se constituir numa metodologia produtiva para a construção de uma teoria neurolinguística. O acompanhamento longitudinal foi escolhido como metodologia de pesquisa e as análises são qualitativas. Ao final da pesquisa, foi possível compreender melhor as estratégias do sujeito GS para significar por meio da linguagem não-verbal, apesar de suas dificuldades, o que subsidia uma reflexão a respeito das possibilidades no trabalho terapêutico com sujeitos com afasias graves.

Abstract

This article aims to present a case-study and has as the theoretical background the Discursive Neurolinguistics (ND), in which language is considered as an activity of socio-historical-cultural nature. In aphasias, where there are alterations in language functioning following brain injuries, ND presupposes that the subjects, with their experience as speakers, have not completely lost their linguistic competence; they reorganize their verbal and non-verbal utterances using the linguistic resources which still have remained. The present study analyzes the production of a subject with efferent motor aphasia, of a severe degree, and: i) describes the characteristics of his utterances, which in traditional literature are considered as “recurring utterances”; ii) interprets his rich non-verbal expressions; iii) demonstrates how the case-study may be considered as a productive methodology for the Neurolinguistics theory. The longitudinal follow-up was chosen as the research methodology and the analyses are qualitative. At the end of the research, it was possible to better understand the subject strategy’s to signify by means of the non-verbal language, despite his difficulties, which grounds the therapeutic work with subjects with severe cases of aphasia.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Neurolinguística. Afasia. Gestualidade. Linguagem não-verbal.

KEYWORDS : Neurolinguistics. Aphasia. Gesture. Non-verbal language.

Texto integral

Introdução

Este estudo de caso tem como referencial teórico a Neurolinguística Discursiva (ND), na qual a linguagem é considerada como sendo construída/constituída por meio de processos sócio-histórico-culturais. O discurso

(a linguagem em funcionamento) é considerado como o resultado da experiência e do trabalho dos falantes *com e sobre* a linguagem (Coudry, 1986/1988, 2002).

No caso dos sujeitos com acometimento neurológico, quando há alterações no funcionamento da linguagem, a ND parte dos pressupostos de que os sujeitos, por sua experiência de falantes, não perderam completamente sua competência linguística e de que reorganizam seus enunciados verbais e não-verbais com os recursos que ainda lhes restam. Não se trata, portanto, de readquirir uma língua e o papel do terapeuta (ou de qualquer um de seus interlocutores) seria o de exercer atividades de uso efetivo da linguagem, buscando criar alternativas – que chamamos de *recursos alternativos de significação* – para que o afásico continue sendo um sujeito social e da linguagem.

Nas atividades de avaliação das afasias, segundo Coudry (2002: 101), é necessário que seja incorporado “o estudo da linguagem pública, ou seja, a usada por sujeitos que compõem uma comunidade de falantes (...) de uma língua natural, em diversas situações pragmáticas, com diversos propósitos e em vários registros vernaculares, todos legítimos”. É nessa interação com o outro que são produzidos e interpretados os processos de significação.

Na concepção da abordagem discursiva de Neurolinguística, Coudry (2002:111) afirma que:

é possível teorizar e conduzir o processo terapêutico sob uma dinâmica heurística que produz conhecimento de processos de significação verbais e não verbais. Instrui e produz um (re)conhecimento mútuo de dificuldades e soluções, encontradas na interlocução e dialogia: lugar em que se cruzam discursos e por onde circulam outros sistemas semióticos que partilham com a língua a produção e compreensão de sentidos.

São os pressupostos teóricos da ND que orientam a prática clínica com GS, atribuindo ao sujeito papel ativo e fundamental no processo terapêutico. Segundo Ishara (2008:6) “Trata-se de uma perspectiva discursiva da abordagem da afasia

para a qual importa como o sujeito afásico lida com a afasia, reelabora suas dificuldades e quais as condições em que se constrói a interação com o terapeuta”. A autora coloca ainda que é a partir desse contexto que se estabelece a discussão sobre as alterações de linguagem do sujeito afásico e em seu processo de reconstrução.

Pressupostos teóricos

A ND considera o *discurso* como mediador das relações com o outro e com o mundo e é, por princípio, de natureza dialógica; nossas análises incidem, portanto, sobre enunciados que emergem nas interações sociais entre os *parceiros da comunicação verbal* (cf. Bakhtin, 1997). Novaes-Pinto (1999), autora que se baseia nos postulados e conceitos bakhtinianos para abordar as afasias, aponta para a redução que se faz na literatura quando essas questões são descartadas dos estudos. Um desses conceitos ao qual recorre para caracterizar a produção do afásico é o de *enunciado*, intimamente ligado ao do *querer-dizer*. O *enunciado*, segundo Bakhtin, é:

marcado pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado, em processo de desenvolvimento. (ibid: 301)

Segundo Novaes-Pinto (1999:163), o que Bakhtin chama de *querer-dizer* ou *intuito discursivo* determina o **todo** do enunciado. “Percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo que mediremos o acabamento do enunciado”. No caso dos sujeitos afásicos, a autora coloca que

buscamos dar aos seus enunciados – mesmo que muitas vezes ininteligíveis – um *acabamento*, na tentativa de ajudá-los a chegar o mais próximo possível de seu *querer-dizer*.

A ND também recorre a conceitos importantes da Linguística que nos ajudam a pensar nas atividades realizadas pelos sujeitos para reorganizarem sua linguagem, como o de atividade *metalinguística* e o de atividade *epilinguística*. As operações epilinguísticas (Coudry e Morato, 1988 *apud* Zaniboni, 2007:106), “tais como as hesitações, os momentos de auto-correções e de reelaborações, as rasuras, as pausas longas, as repetições, as antecipações e os lapsos emergem da interlocução e servem como processo de (re)construção da linguagem.” Essas operações estão presentes no funcionamento *normal* da linguagem e, ganham maior visibilidade, devido à frequência de ocorrência, nos enunciados dos afásicos que, de acordo com Zaniboni (2007:106), “devem ser vistas como um fenômeno da reorganização da linguagem”. O que é concebido como “erro” deve ser considerado como uma tentativa de (re)organização, um processo positivo. Nas palavras da autora:

(...) os chamados distúrbios da fluência, por exemplo, marcados geralmente por bloqueios, pausas e apraxias, poderiam ser interpretados como um momento da atividade verbal, em que o sujeito dá liberdade para o deslizamento entre o eixo sintagmático e o eixo paradigmático, de modo a buscar e (até) garantir o processo de significação. Além disso, podem servir de indício de um momento de planejamento linguístico do dizer, bem como a coordenação deste planejamento com aquele referente à organização gestual do que será dito. (Zaniboni, 2007:114).

Considerando-se o que foi acima apresentado, passamos à descrição e discussão do estudo de caso do sujeito GS.

O discurso do sujeito GS é marcado principalmente por dois fenômenos: i) a produção verbal de uma “estereotipia” e/ou “automatismo”, com rica prosódia, e

ii) pela tentativa de significação por meio de recursos não-verbais: gestos e desenhos.

Segundo Viscardi (2005:49), o fenômeno chamado “automatismo” apresenta algumas variações em sua concepção, sendo referido geralmente como *estereotipia*. A autora afirma que se nos dirigimos ao dicionário para buscar uma definição destes termos, encontramos que *estereotipia* está relacionada tanto àquilo que é imutável, fixo, quanto àquilo que é feito de forma repetida, duplicada. Já *automatismo* está vinculado àquilo que é involuntário, que se produz sem orientação consciente. O termo em inglês é *recurring utterance* e vincula-se mais ao conceito de estereotipia, acima descrito. Os enunciados verbais de GS serão mais adiante tratados.

Este estudo analisa, além da produção verbal do sujeito – bastante comprometida por sua afasia – a linguagem não-verbal, constituída por uma rica expressão facial e gestual que se torna fundamental para a comunicação e atribuição de sentidos. Buscamos avaliar também as potencialidades/possibilidades do sujeito, que podem ser desenvolvidas no acompanhamento terapêutico individual e no grupo do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), respaldado pela concepção de linguagem como atividade constitutiva, influenciada por fatores sociais, históricos e culturais. (Vigotsky, 1989; Bakhtin, 1997).

A gestualidade produzida pelo afásico, nesta perspectiva, é tida como mediadora das suas interações e, portanto, como potencialmente constitutiva do sujeito e de suas relações sociais (Zia, 2006:15). Para Fedosse (2000), a análise/interpretação das manifestações decorrentes de lesões cerebrais não deve se limitar exclusivamente aos aspectos patológicos, mas deve incorporar os fatores contextuais e ações linguísticas na produção e interpretação de sentidos. Deve-se considerar as alterações linguísticas e gestuais a partir de sua natureza simbólica, não apenas em suas evidências motoras. Trata-se, portanto, de uma atividade significativa, de um *processo* de significação, já que os gestos podem – e de fato ocorre – substituir a expressão verbal de sujeitos afásicos, assim como também

ocorre com não afásicos. Assim como a linguagem verbal, a atividade gestual também se desenvolve ao longo da história social e cultural da humanidade. Além dos fatores neurofisiológicos que caracterizam o movimento, vários fatores linguísticos propriamente ditos, pragmáticos e discursivos,¹ estão implicados na realização dos gestos.

No contexto patológico, as alterações da gestualidade também variam quanto à gravidade. O caso mais severo é quando o sujeito não consegue realizar o gesto de forma alguma, o que poderia evidenciar a dificuldade na seleção de qualquer um dos movimentos adequados para sua composição. Outra possibilidade é que se manifeste de modo desorganizado, ou seja, podem ocorrer alterações na ordem das ações implicadas na atividade gestual – que poderia ser caracterizada como uma desorganização sintática do gesto (traçando um paralelo com os recursos linguísticos). Para sua realização, é essencial que o sujeito se sirva de pistas contextuais, em atividades significativas e com o apoio dos interlocutores, que possam ajudá-lo a reorganizar sua atividade gestual, assim como se faz com sua linguagem oral.

Segundo Mármora (2000), assim como a linguagem, a gestualidade e também a percepção se constroem a partir de ações dirigidas ao outro, da relação do sujeito com o mundo exterior. Para a autora, o termo “gestualidade” refere-se ao conjunto de gestos utilizados pelo sujeito para expressar-se, que é assumido como uma forma de significação, fazendo parte da atividade simbólica, diferenciando-se do termo “movimento”, este sim considerado como produto do ato motor. Nas palavras de Mármora:

O gesto é usado para se referir ao produto da atividade simbólica humana em suas diversas formas de ação, ou seja, falamos de gesto a partir do momento em que o movimento entra no quadro de uma atividade simbólica, ou seja, apresenta-se como uma realidade simbólica interpretável pelos que partilham de parâmetros ântropoculturais comuns (Mármora, 2000:42).

A gestualidade de GS será um dos temas que mais se destacam na pesquisa que se caracteriza como o estudo de caso de uma afasia motora eferente, a partir da análise dos dados que emergiram nos episódios dialógicos ocorridos no CCA/Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e nas sessões individuais.

Objetivos

Partindo dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, que caracteriza os trabalhos realizados no IEL, o presente estudo realizou a análise da produção de um sujeito com afasia motora eferente, de grau severo, e buscou i) descrever as características dos seus enunciados, que na literatura tradicional são concebidos como “estereotípias”; ii) interpretar suas riquíssimas expressões não-verbais: a gestualidade, e as expressões faciais; iii) demonstrar como o estudo de caso pode se constituir numa metodologia produtiva para a construção de uma teoria neurolinguística.

O estudo de caso: o sujeito e os aspectos metodológicos da pesquisa

O sujeito desta pesquisa² é GS, brasileiro, viúvo, com 78 anos de idade à época do estudo, que teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) repetitivo em 2005 (dias 13 e 19 de Janeiro) e frequentou o Centro de Convivência de Afásicos (CCA)³, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP, desde Agosto de 2007.

Além de analisar as produções de GS nas sessões do CCA (que duram cerca de 1 hora e meia, semanalmente) foram também vídeo-gravadas, transcritas e

analisadas suas produções em algumas das sessões individuais, durante o atendimento fonoaudiológico semanal, também realizado no CCA⁴.

O acompanhamento longitudinal foi escolhido como metodologia de pesquisa e as análises são qualitativas, baseadas no modelo microgenético proposto por Vygotsky, que avalia, por meio de minúcias indiciais, os processos subjacentes à produção dos enunciados.

Segundo Minayo (1994:25-26), as análises qualitativas têm por função “trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Análises e discussão dos resultados

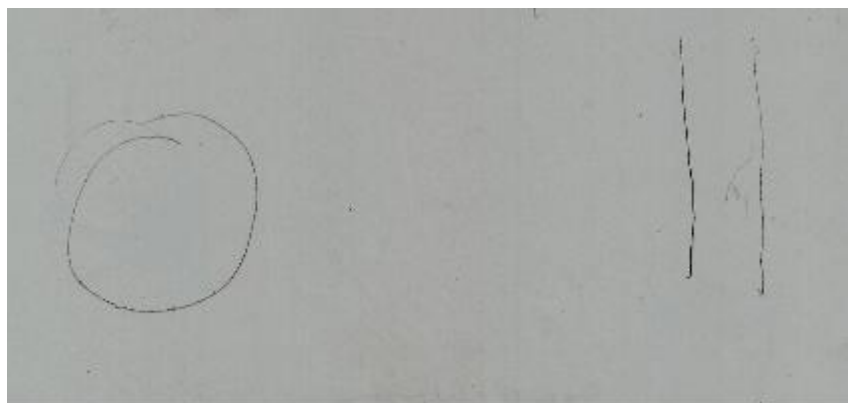
A linguagem de GS caracteriza-se, principalmente, pelos enunciados /o´da/ ou /a´da/ e algumas variações sutis destes grupos fonêmicos, mas com grandes variações prosódicas, acompanhadas sempre de gestos que expressam concordância, discordância, ênfase, dúvida. Seus enunciados evidenciam ainda a impossibilidade de repetição e de produção de palavras a partir de *prompts*⁵.

O acompanhamento terapêutico tem buscado desenvolver a linguagem não-verbal como um recurso alternativo à sua grande dificuldade, ou mesmo impossibilidade de produção verbal.

Para ilustrar algumas das questões já observadas e analisadas da linguagem de GS, passo a apresentar alguns dados.

Dado 1

Durante a sessão do CCA III, do dia 22 de Abril de 2008, o grupo conversava sobre o jogo ocorrido no domingo, entre São Paulo e Palmeiras. Os são-paulinos do grupo tentavam “explicar a derrota”, principalmente para os outros integrantes “não-são-paulinos”. Quando o sujeito GS chamou a atenção do grupo para si, com o enunciado “*oda, oda*”, os participantes se viraram para ele e perguntaram se ele estava se referindo ao jogo. Como GS concordou (com gesto afirmativo de cabeça e dizendo “*oda*”), Irn⁶ pediu para que ele tentasse “explicar melhor” o que ele estava querendo dizer. GS então desenhou com os dedos, na mesa, um *círculo* e na frente do círculo *duas linhas paralelas*.



Como não foi possível compreender o que GS queria dizer, foi-lhe dado um papel e lápis para que desenhasse. GS desenhou na folha novamente o círculo e as linhas paralelas, da mesma forma como havia feito antes, na mesa. Na impossibilidade de se alcançar seu *querer-dizer*, por meio dos enunciados até então produzidos (*oda oda* e os desenhos), Irn tentou então retomar o assunto, desde o momento em que GS confirmou que estava se referindo ao jogo. Perguntou-lhe sobre cada um dos elementos que constituíam seus enunciados, primeiramente sobre o círculo, se este se referia ao desenho de uma “bola”. Pela entonação com a qual ele respondeu, também desta vez com “*oda, oda*”, todos entenderam que *não* se tratava da bola. Levantou-se então a hipótese de que o círculo representava, por

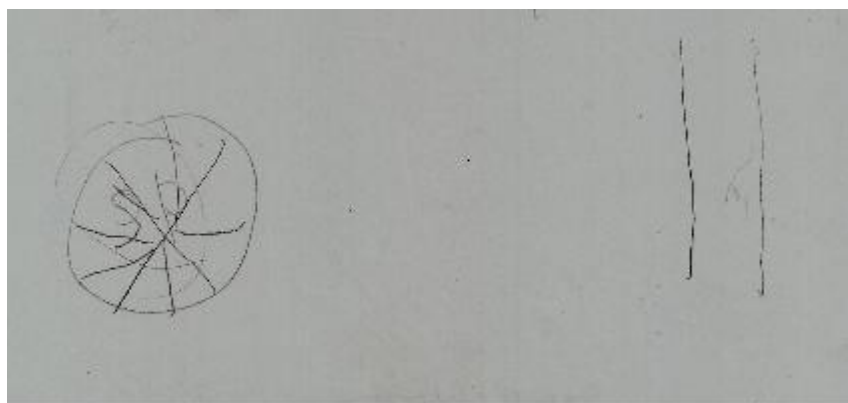
um lado, o time do São Paulo e as linhas paralelas o outro time, o Palmeiras, hipótese com o qual ele pareceu inicialmente concordar. Irn escreveu “SP” dentro do círculo e a partir disso o grupo todo participou das tentativas de compreender o que ele estava dizendo sobre o São Paulo, sendo todas rejeitadas por ele. Esta negociação dos sentidos levou vários minutos até que Irn novamente retornou ao ponto de partida, ou seja, tentando garantir que o círculo representava o São Paulo e as duas linhas representavam o Palmeiras. Desta vez, GS produziu o mesmo enunciado “oda oda”, com a entonação que demonstrava discordância desta interpretação.

Após mais alguns minutos de tentativas sem sucesso, Irn decidiu retomar a discussão, não a partir do desenho do círculo, mas a partir do assunto que estava sendo tratado quando GS se manifestou pela primeira vez. Desta vez, contou com a ajuda de outro afásico, CA, também são-paulino, que tem uma afasia que podemos considerar “fluente”. CA sugeriu que GS talvez estivesse se referindo ao fato de o goleiro do São Paulo haver “falhado” na defesa do primeiro gol. Imediatamente GS assinalou, com um gesto, que era disso que queria falar. GS concordou com CA, apontando para o círculo – agora corretamente interpretado como *bola* – e fez com o dedo uma linha reta até as linhas paralelas – desta vez interpretado como sendo as traves do gol. Pudemos então compreender que ele discordava de que o goleiro houvesse falhado no lance, pois a bola é que foi em direção ao gol “quicando” na grama, enganando-o.

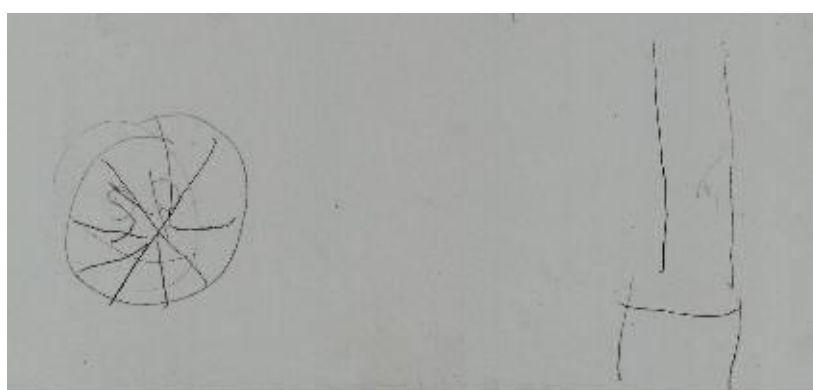
Depois da reunião do grupo, naquele mesmo dia, durante o atendimento fonoaudiológico individual com GS, as estagiárias Ifo e Itn, sugeriram que GS desenhasse novamente o esquema que havia feito durante a sessão, mas que dessa vez desse mais pistas sobre o que gostaria de dizer, chamando a sua atenção para as dificuldades que o grupo teve para compreendê-lo e enfatizando que ele poderia utilizar-se melhor dos recursos que têm – sobretudo dos gestos e dos desenhos – para ser melhor sucedido em seu *querer-dizer*. .

GS fez o mesmo desenho que havia feito no grupo, até escrevendo “SP” dentro do círculo. Feito isso, Itn perguntou se o círculo era uma *bola*, ao que ele

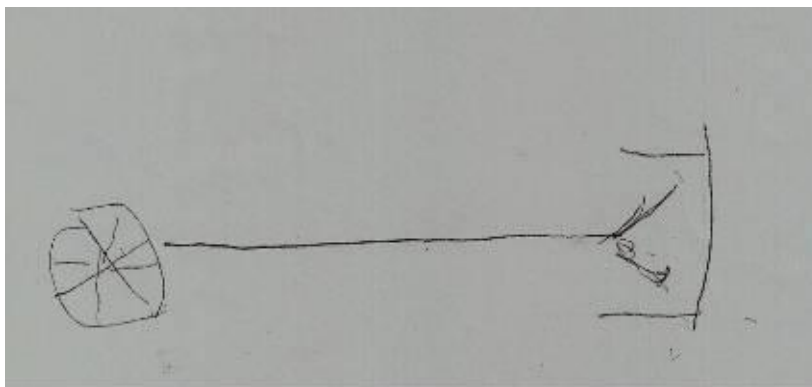
concordou. Itn pediu a GS que tornasse mais claro para o interlocutor que o círculo representava uma bola. GS riscou o círculo, fazendo linhas oblíquas, como em uma bola de basquete.



A respeito do desenho das traves do gol, foi solicitado também que GS tentasse representar a figura, pensando em como os outros iriam interpretar a mesma. Nesta tentativa, GS fez o seguinte desenho:



Satisfeito com a sua produção, que pôde ser interpretada adequadamente, GS fez, por conta própria, um terceiro desenho:



Este dado deixou claro, para nós e também para GS, que este tipo de trabalho se constituía como um potencial muito grande para ser explorado como alternativa para suas dificuldades severas de expressão.

Dado 2

No dia 27 de Maio de 2008, GS levou para os atendimentos individuais um caderno no qual havia escrito seu nome várias vezes. Itn e Ifo entenderam o interesse de GS pela escrita e, a partir disso, utilizaram o caderno e a agenda (que GS ganhou no grupo do CCA) e pediram que ele tentasse escrever sobre algum episódio que havia acontecido em sua casa ou na televisão, durante a semana.

Como GS não demonstrou interesse especial por um fato específico, as estagiárias voltaram ao seu tema favorito: o time do São Paulo, que também tinha sido discutido no grupo naquele dia. GS, com a ajuda das estagiárias, escreveu os nomes dos times que haviam jogado naquela rodada e o placar dos jogos. Um dos jogos tinha sido São Paulo X Coritiba, com o placar de 1 x 1. No grupo, ele havia já se referido a esse resultado, mostrando com os indicadores das duas mãos.

Para exercer a escrita como atividade significativa, as estagiárias sugeriram que GS escrevesse no caderno, durante a semana, qualquer coisa relativa a um

assunto de seu interesse, não apenas sobre futebol. Neste momento, GS franziu a testa e com o enunciado “oda” com uma entonação decrescente demonstrou certo desânimo, por ter ciência de suas dificuldades e limites. As estagiárias disseram que ele poderia escrever sobre os resultados dos jogos de futebol, colocando apenas o placar e que o ajudariam a completar os enunciados na semana seguinte. Neste momento, GS pareceu se lembrar de alguma coisa e, apontando para o caderno, mostrou com os dedos da mão esquerda o “número 2”. Não foi compreendido e, por isso, apontou novamente para o caderno, pegou o lápis, fez o gesto “de escrever” e novamente na mão mostrou o “número 2”. Percebendo que ainda não o haviam compreendido, repetiu mais uma vez o número 2 com a mão e, em seguida, com a mesma mão, o “número 1”. Apontou desta vez para o caderno. Itn achou que GS estava se referindo às dificuldades que teria para escrever, quando estivesse em casa. Em um primeiro momento, as interlocutoras pensaram que ele estivesse se referindo, ao mostrar o *número 2*, às estagiárias, que o auxiliam quando está no CCA, e com o *número 1* a ele próprio ou a outra pessoa. Quando buscamos confirmar esta interpretação, GS franziu a testa e balançou a cabeça, discordando. Por causa das dificuldades com a mão direita (hemiplegia), pegou a mão de Ifo e fez com que ela mostrasse o número 2. Com sua mão esquerda, GS mostrou o número 1. A partir disso, ficou evidente que GS queria falar do placar de 2 a 1 de um dos jogos que ele havia lembrado no início do atendimento individual. GS abriu um sorriso e concordou com a cabeça. Pegou novamente o lápis e só então foi possível perceber que ele queria escrever no caderno outro resultado de jogo de futebol (além do 1 x 1 do jogo São Paulo x Coritiba). Não foi possível, entretanto, compreender de que time GS estava falando naquele momento.

O dado evidencia não só as estratégias alternativas de GS – como referir-se ao número 2 com as mãos de outra pessoa – mas também os limites que a afasia impõe ao sujeito. GS não anunciou, em nenhum momento, que estava retornando ao tópico anterior. Pelo contrário, ele parecia concordar com os enunciados de suas interlocutoras quando falavam das dificuldades de escrever em casa, o que as levou a inferir que se tratava de outro tópico discursivo, não mais sobre futebol.

Em geral, os afásicos apresentam um *delay* no funcionamento da linguagem, ou seja, os processos para buscar a palavra desejada, formular um enunciado, demandam um tempo maior que nem sempre é dado pelos interlocutores. Quando o assunto é relevante para o sujeito, ele se atém ao tópico e o reapresenta, traz à tona, em um momento posterior da interlocução, muitas vezes quando os demais já mudaram de assunto.

Esse dado é relevante quando se pensa na qualidade da intervenção terapêutica. É importante, por um lado, que se dê ao afásico um tempo maior, para que ele consiga reorganizar seus enunciados, verbalmente ou por meio de signos não-verbais, mas é também necessário que se busque *com ele* a significação. Por outro lado, na impossibilidade de não se alcançar o intuito discursivo, deve-se insistir para que sinalize que está mudando de assunto ou voltando a um assunto anterior. Afinal, o enunciado, como afirma Bakhtin (1997:301), é “marcado pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores”.

Ao longo do trabalho com GS, foi possível perceber o desenvolvimento de estratégias alternativas de significação. Ele passou a demarcar melhor os tópicos discursivos, a sinalizar quando concordava ou não com o que falávamos e usava gestos para propor mudanças de assunto. Para evidenciar ainda mais essas questões, apresentamos o último dado deste artigo.

Dado 3

No dia 17 de Junho foi utilizado no atendimento individual um protocolo neuropsicológico de avaliação de apraxia⁷, que serviu como base para melhor investigar as dificuldades de GS, relacionadas à produção gestual. As atividades sempre foram contextualizadas, ao longo da avaliação. Um dos objetos utilizados foi o cadeado, que GS deveria abrir com a chave, de acordo com o protocolo. Para

isso, primeiro foi mostrado o objeto e GS foi questionado se em sua casa usava cadeados. GS concordou, sinalizando com gestos e com o enunciado “oda” e começou a contar com os dedos, demonstrando que se tratava de *quatro* cadeados que tinha em sua casa, bem como onde os cadeados ficavam – uns nos portões e portas da frente da casa e os outros mais internamente.

Durante toda essa atividade, GS se mostrou sorridente, pois conseguiu realizar todas as tarefas. Com a intenção de incentivar os gestos como alternativa para significar, as estagiárias pediram que ele tentasse contar algum fato de sua casa ou algo que havia visto na televisão. GS parou por alguns minutos, pensativo, até que indicou, com gestos, que contaria algo que viu na televisão. Primeiramente fez um gesto representando um quadrado e depois foi subindo a mão como se este fosse aumentando de tamanho, para indicar que era muito alto. Em seguida, apontou para a parede e as estagiárias perguntaram se estava relacionado com a parede. GS negou e fez o movimento de algo muito alto novamente. Como as estagiárias não o compreenderam, GS modificou a tentativa. Pegou o braço de Itn e o colocou em cima da mesa, fazendo uma “linha”, e com a sua mão fazia o gesto de que algo passava por cima dessa linha de um lado para o outro. Ifo perguntou se era um jogo; GS confirmou e com a mão esquerda fez o gesto de levantar o braço, como se batesse em algo. Ifo perguntou se era um jogo de tênis e se GS representava a batida na bola com a raquete. GS discordou e demonstrou com gestos que o braço de Itn em cima da mesa era “alto”. Foi possível, assim, que as estagiárias compreendessem o *querer-dizer*. Tratava-se do jogo de vôlei masculino que havia acontecido naquela semana e que ele viu pela televisão.

Considerações finais

Por meio da pesquisa realizada, sobretudo pela análise qualitativa dos dados que emergiram em situações dialógicas, foi possível compreender as estratégias do sujeito GS para significar, por meio da linguagem verbal mas, principalmente, pelo

uso de recursos não-verbais. O trabalho revelou para o próprio GS que ele pode/deve explorar melhor os recursos alternativos (desenho, expressão fisionômica, entonação e, sobretudo, os gestos) para significação, permitindo que ele se mantenha como sujeito social e da linguagem.



O estudo de caso de GS contribui, a nosso ver, para a teorização acerca do papel dos recursos alternativos não-verbais na construção do sentido, para sujeitos com diversas formas de afasia, sobretudo em casos graves, nos quais a produção verbal se encontra bastante limitada. A abordagem, certamente, subsidia a reflexão a respeito das intervenções terapêuticas fonoaudiológicas com sujeitos com afasia motora eferente.

A perspectiva bakhtiniana possibilita tratar teoricamente dos enunciados de sujeitos afásicos – mesmo os muito restritos do ponto de vista verbal – como processos legítimos de significação, o que confere aos afásicos a possibilidade de se constituírem como sujeitos sociais e da linguagem.

Notas

¹ Fatores pragmáticos que atuam na construção do sentido, partilhados por uma comunidade de falantes. Os sentidos estão sujeitos a diferentes interpretações porque são *sempre* produzidos e exercidos na interação social (Fedosse, 2000:17).

² Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciência Médicas/UNICAMP, sob número de processo 630/2008

³ Nas sessões do grupo do CCA, bem como nas sessões individuais, as atividades desenvolvidas possibilitam visualizar as estratégias dos sujeitos para lidar com a afasia. Os temas abordados dizem respeito às suas próprias vidas, ao relacionamento com os outros, às dificuldades que enfrentam no dia-a-dia de convivência na sociedade, às notícias que os cercam e a respeito das quais são levados a se posicionar.

⁴ O atendimento fonoaudiológico é parte integrante do Estágio em Afasia, disciplina do Curso de Fonoaudiologia, realizada no CCA (Centro de Convivência de Afásicos) do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem)/UNICAMP.

⁵ *Prompts* são as pistas dadas aos sujeitos: os primeiros fonemas ou, geralmente em Português, a primeira sílaba de uma palavra.

⁶ Irn é a coordenadora do Grupo III, supervisora do estágio e docente do IEL.

⁷ O Protocolo de avaliação de apraxias foi retirado de Mámora (2000).

Referências

- BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. O que é dado em Neurolinguística? In: De CASTRO, Maria Fausta Pereira. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 179-194; 1996.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 42, p. 99-129. Jan/jun. 2002.
- COUDRY, Maria Irma Hadler.; MORATO, Edwiges. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n. 15; p. 117-135; jul/dez.; 1988.
- FEDOSSE, Elenit. **Da relação linguagem e praxia**: estudo neurolinguístico de um de afasia. Dissertação de mestrado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2000.
- ISHARA, Cintia. **A-F-A-S-I-A**: Um sujeito em cena. Tese de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2008.
- MÁRMORA, Cláudia Helena Cerqueira. **Linguagem, afasia, (a) praxia**: uma perspectiva neurolinguística. Dissertação de Mestrado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2000.
- MINAYO, Maria Cecília Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Ed. Vozes; p. 9-29; 1994.
- NOVAES-PINTO, Rosana Carmo. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Tese de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 1999.
- VIGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- VISCARDI, Janaina Martins. **O estatuto neurolinguístico do automatismo**. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. 2005.
- ZANIBONI, Lilian Fátima. **A contribuição da neurolinguística discursiva para a fonoaudiologia na construção de um novo olhar sobre a linguagem de sujeitos cérebro-lesados**. Tese de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2007.
- ZIA, Juliana. **A relação entre o gesto e linguagem: refletindo sobre o fazer fonoaudiológico**. Dissertação de mestrado. Faculdade de ciências médicas – UNICAMP. 2006.

Para citar este artigo

NANDIN, Tainara Lemes Conde; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 372-390.

Tainara Lemes Conde Nandin possui Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2008) e Pós-Graduação Lato Sensu em Fonoaudiologia Aplicada à Neurologia na UNICAMP (2009-2010). Atualmente é mestranda na área de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na UNICAMP. Atua como fonoaudióloga clínica. Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em Neurologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Disfagias Neurogênicas e Linguagem (Afasia, comprometimento da oralidade, desenvolvimento de recursos não-verbais e Comunicação Suplementar e/ou Alternativa).

Rosana do Carmo Novaes-Pinto é formada em Letras (Licenciatura) pela UNICAMP (1987), com Mestrado (1992) e Doutorado (1999) em Linguística (área de Neurolinguística) pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em 2008, concluiu Pós-Doutorado na área de Neuropsicologia e Neurolinguística na Faculdade de Ciências Médicas (FCM/UNICAMP), sob a orientação do Prof. Dr. Benito Damasceno (FCM), durante o qual realizou um estágio no Benton Laboratory of Neuropsychology, Universidade de Iowa, Estados Unidos (2006), na equipe do Dr. Daniel Tranel. Em 2010 desenvolveu atividades de Pós-Doutorado no CeRIN - Centro de Reabilitação Neurocognitiva, na Faculdade de Ciência Cognitiva da Universidade de Trento, Itália, sob a supervisão do Prof. Dr. Gabriele Miceli. Desde 2004 é docente (Professora Doutora nível MS 3) do Departamento de Linguística do IEL, na área de Neurolinguística, e ministra disciplinas nos cursos de Graduação de Letras, Linguística e Fonoaudiologia e de Pós-Graduação em Linguística. É coordenadora do Grupo III do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) desde 2006 e líder do GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias. Coordena também o Centro de Estudos com o mesmo nome (GELEP), no IEL, desde sua criação em 2010. Suas pesquisas, orientadas pelas abordagens sócio-históricoculturais, vinculam-se à linha "Cérebro, Linguagem e Mente" (área "Linguagem e Pensamento", sub-área "Neurolinguística"), e se voltam mais especificamente para o estudo das alterações de linguagem nas afasias, demências e outras patologias. Realiza também estudos sobre a obra de Bakhtin.